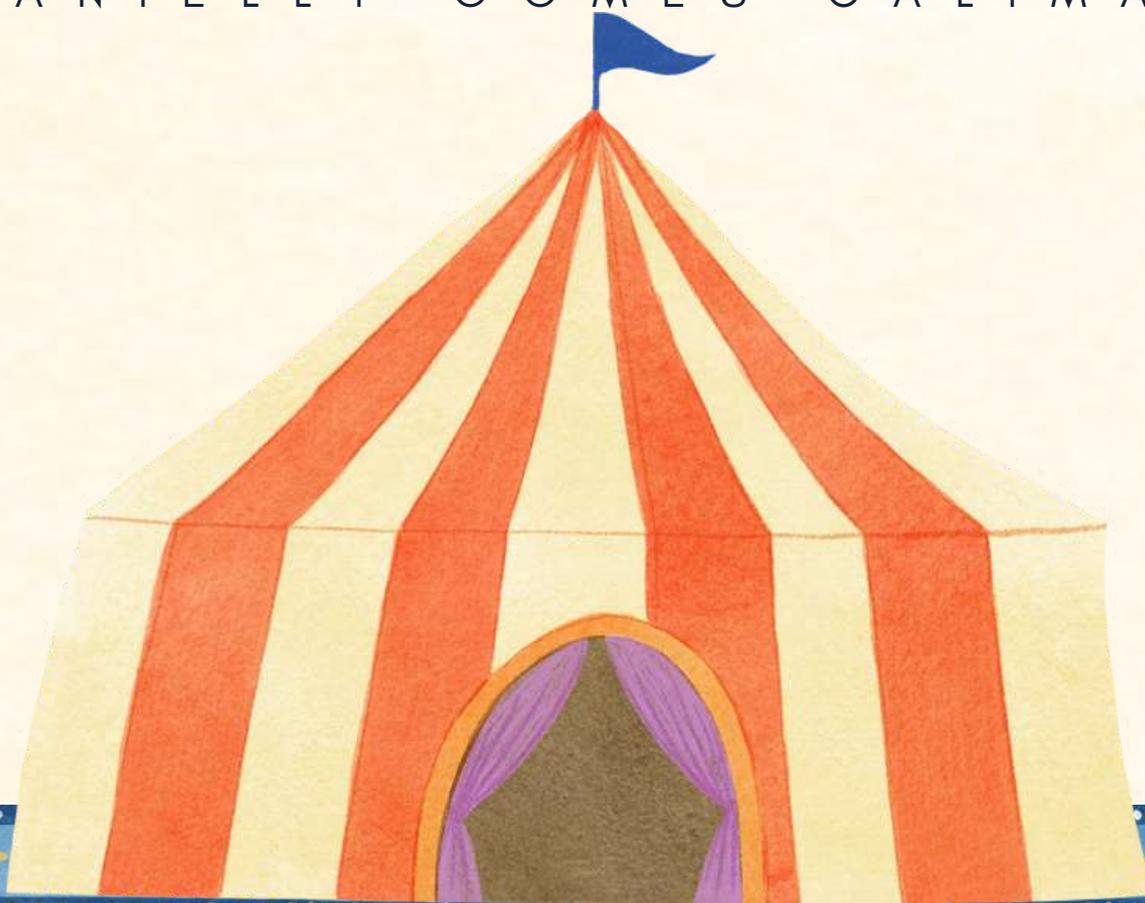




CIRCU-LANDO NA ESCOLA

POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DO CIRCO

D A N I E L L Y G O M E S C A L I M A N





Ficha técnica

AUTORA E PRODUTORA

Danielly Gomes Caliman



SUPERVISÃO GERAL

Dr^a. Paula Cristina da Costa Silva

COLABORADORES

Estudantes das turmas do 3º e 4º anos da EMEB "São Vicente", no ano de 2022 e Sther Schettino.

FOTOGRAFIAS E IMAGENS

Fotos extraídas da prática pedagógica da professora pesquisadora devidamente autorizadas pelos responsáveis legais. Imagens ilustrativas utilizadas do aplicativo "Canva".

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Centro de Educação Física e Desporto (CEFD)
Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede
Nacional (ProEF)

Vitória - ES

2023





Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Caliman, Danielly Gomes, 1982-
C153c Circu-lando na escola [recurso eletrônico] : possibilidades de intervenção do circo / Danielly Gomes Caliman. - Dados eletrônicos. – Vitória, 2023.
57 p. : il.

ISBN: 9798393711474

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

Modo de acesso: <<https://educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>>

1. Educação física. 2. Circos. 3. Escolas. I. Silva, Paula Cristina da Costa. II. Título.

CDU: 796

Elaborado por Bruno Pacheco Coelho Leite – CRB-6 ES-765



Referência da Dissertação:

CALIMAN, Danielly Gomes. **CIRCU-LANDO NA ESCOLA: Uma proposta pedagógica do ensino do circo.** Orientadora: Prof.^a Dra. Paula Cristina da Costa Silva. 2023. 214 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2023.

SUMÁRIO



Respeitável público...	5
Capítulo 1 - Hoje é dia de alegria. O circo chegou!	7
Capítulo 2 - Organizando o espetáculo	10
Capítulo 3 - Montando a lona	13
Capítulo 4 - O picadeiro e seus artistas	16
Capítulo 5 - Balança, gira, joga, pega... os olhos nem piscam!	19
Capítulo 6 - As pernas tremem, o corpo bambeia. Cai ou não cai?	27
Capítulo 7 - Cambalhotas, piruetas e muita estripulia	34
Capítulo 8 - Alegria contagiante que o palhaço irradia	40
Capítulo 9 - Com vocês, o circo da escola!	45
Capítulo 10 - Lembranças de um espetáculo...	50
Referências	54

Respeitável público...

Meu nome é Danielly Gomes Caliman, formada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física, pela Universidade Federal de Viçosa/MG, no ano de 2005. Atuo como docente desde então, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, com uma breve passagem pelo Ensino Médio.

Este trabalho é fruto do meu ingresso no curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF/2021 e é o produto educacional do curso, fundamentado em minha dissertação, que foi uma pesquisa cujo objetivo era: "desenvolver uma proposta pedagógica do ensino do circo baseada em atividades didáticas lúdicas". A referida pesquisa foi aplicada nas turmas do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal de Educação Básica "São Vicente", situada no distrito de São Vicente, interior do município de Cachoeiro de Itapemirim/ES. Foi pensado e desenvolvido a partir de uma grande unidade temática, totalizando 24 aulas.

A escolha em desenvolver um trabalho relacionado ao "ensino-aprendizado do circo na escola" se deu porque acreditamos que a escola desempenha um papel importante na vida, na aprendizagem, na socialização das crianças. Pensamos que as artes circenses podem possibilitar um mundo cheio de aventuras, imaginação, diversão, desafios, crescimento humano/intelectual, de gestos e vivências das práticas corporais que o circo representa.

Na perspectiva crítico-superadora, alicerce metodológico da pesquisa, Soares et al. (2009, p. 29) consideram que a escola "[...] apropria-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno traz do seu cotidiano [...] e desenvolve a reflexão do aluno sobre esse conhecimento, sua capacidade intelectual". A apropriação deste saber justifica a existência da escola, pois além de socializá-lo, deve proporcionar instrumentos que possibilitem o acesso e o desenvolvimento do cidadão crítico e autônomo.

Sabemos que o circo, quando trabalhado no ambiente escolar, como conteúdo das aulas de Educação Física (EF), precisa ser ensinado mediante uma pedagogia própria da escola. Nesse sentido, o ensino das atividades circenses deve considerar os limites e possibilidades dos alunos e não a formação de pequenos artistas de circo dentro da escola, como salienta Gonçalves e Lavoura (2011).

Por acreditar ser relevante a valorização do ser humano e suas relações de valores, a superação das desigualdades, a promoção de uma postura crítica diante da realidade, a busca da transformação social, características essas da concepção crítico-superadora, a Educação Física EF pode, valorizando o conhecimento produzido historicamente, ampliando as vivências corporais, refletindo sobre elas, incluindo todos no processo formativo, sem a valorização da aptidão física, contribuir com essa transformação.

E que comece o espetáculo!

Danielly Gomes Caliman





Capítulo 1

Hoje é dia de alegria.
O circo chegou!





As atividades circenses estão presentes nas mais antigas civilizações espalhadas pelo mundo, entendidas como manifestações populares, seja na arte de contar e cantar histórias, nos trovadores, nas habilidades de manusear objetos, de contorcer o corpo, na exibição da força, na arte de iludir os olhos, de fazer rir, desde as pequenas trupes de andarilhos, passando pelo circo tradicional e chegando ao circo contemporâneo.

O circo é uma prática corporal e como tal, é direito dos estudantes terem acesso a esse conhecimento, que tem sido historicamente deixado de lado ou negado aos alunos, em valorização de outras práticas. Atualmente, esta manifestação popular vem retomando seu lugar junto à EF, em especial, dentro das escolas, na Educação Física Escolar (EFE) como uma possibilidade de ensino e perpetuação da cultura popular.

Fazendo uma alusão a Bracht (2000), o circo passa a ser um conteúdo “da escola”, onde o que importa é a vivência, a experimentação, a compreensão e interpretação crítica dessa arte e não sua execução com uma técnica impecável. O circo da escola deve levar em conta as possibilidades do ambiente, de material, de adaptação, de segurança.

Autores como Baroni (2006), Duprat e Bortoleto (2007), e Duprat, Barragán e Bortoleto (2014) defendem a pertinência das atividades circenses como conteúdo das aulas de EF e citam alguns benefícios desta prática: uma atividade que se destaca pela criatividade, cooperação, interculturalidade, expressão corporal e gestos motores.

Na perspectiva da cultura corporal e em conformidade com os autores citados anteriormente, Barragán (2016) sustenta que abordar as atividades circenses na escola não se resume à prevalência da técnica, mas à inclusão de diversas experiências, que podem ser vivenciadas proporcionando uma prática significativa, “[...] destacando outras possibilidades presentes nesse patrimônio, especificamente, as relacionadas com a expressão pelo movimento que o aluno possa vivenciar, explorar, [...] seu próprio corpo, suas possibilidades e seu potencial comunicativo” (BARRAGÁN, 2016, p. 138).



Neste sentido, Duprat, Barragán e Bortoleto (2014, p. 122) afirmam que o trato pedagógico do circo deve contemplar conceitos e valores culturais do universo circense, desenvolvendo, assim, “[...] diferentes aspectos pedagógicos como a sensibilidade na expressão corporal, cooperação, criatividade, expressividade, autoestima, e até a capacidade de apreciação da arte circense”.

Os autores Prodócimo, Pinheiro e Bortoleto (2010), destacam que, apesar de o circo possibilitar diferentes tipos de aprendizados, ou seja, de o circo ser um instrumento para aprender habilidades diversas, a arte circense deve ser entendida como um conhecimento pertencente à cultura corporal, com fim em si mesma, e deve ser garantida a preservação de suas características e historicidade.

Destaca-se, ainda, que tal conteúdo pode ser trabalhado com qualquer faixa etária (GALLARDO; GUTIÉRREZ, 2008) e faixas sociais (SILVA, 2008), desde que seja respeitada a complexidade das atividades e os limites das crianças. Já os autores Corsi, De Marco, Ontañón (2018) e Barragán (2016) apontam a possibilidade de um trabalho interdisciplinar envolvendo a EF e outras áreas de conhecimento dentro da escola, pela possibilidade de abrangência que o tema dispõe.

O universo circense possui uma ampla variedade de modalidades ou elementos que o compõem. Quando pensadas para o âmbito escolar, algumas dessas modalidades se destacam por necessitarem de pouca infraestrutura, materiais de pequeno porte, de fácil adaptação ou sem a exigência de materiais, além de segurança e risco mínimo, como algumas práticas manipulativas, de equilíbrio, acrobáticas e expressivas.



Capítulo 2
Organizando o
espetáculo





O planejamento das atividades foi feito contemplando as três fases da metodologia crítico-superadora descrita por Soares et al. (2009):

- **Diagnóstica:** diagnosticar o que os alunos sabem sobre o tema que será trabalhado, compreender a realidade em que se está inserido;

- **Judicativa:** apresentar um conhecimento elaborado, científico acerca do tema, como sua história, características, vivência de algumas práticas circenses possíveis de serem realizadas na escola, adaptando-a à realidade da escola e dos alunos;

- **Teleológica:** gerar uma apropriação e ressignificação daquilo que os estudantes aprenderam, como a confecção de materiais circenses alternativos explorando a realidade dos alunos, criação de um espetáculo, mostrando que podem criar cultura a partir dos aprendizados escolares.

Durante todos os momentos, os conceitos ligados ao circo e às relações interpessoais, como valores, confiança, trabalho em equipe, respeito, solidariedade, consciência ambiental, são passíveis de serem trabalhados dentro das atividades.

O Quadro 1 representa o planejamento macro das atividades, separadas por unidades temáticas. A divisão das possibilidades de práticas foi baseada nas ações motoras gerais, visando ampliar e diversificar as experiências motoras, artístico expressivas e visando também o enriquecimento cultural dos estudantes.

Para cada unidade temática foram pensadas atividades diretamente relacionadas com a realidade da escola em que o trabalho foi desenvolvido. Pode ser que numa determinada escola não seja possível o desenvolvimento de todas ou então, que seja preciso fazer adaptações. Portanto, que elas possam servir de inspiração para o trabalho do professor.

Durante as aulas, é necessário que se faça uma avaliação contínua e qualitativa, por meio de questionamentos sobre o tema e da observação, visando detectar falhas de aprendizado e reorientar, caso necessário, o processo de ensino-aprendizado.

Quadro 1 – Planejamento Macro das Atividades

Diagnóstico

A historicidade do circo

Possibilidades de práticas manipulativas

Possibilidades de práticas de equilíbrio

Possibilidades de práticas acrobáticas

Possibilidades de práticas expressivas

Avaliação

Fonte: Autora (2022) adaptado de Duprat e Bortoleto (2007).

Uma estratégia interessante é não anunciar aos alunos todas as atividades planejadas, mas deixar um “quem sabe!” e aos poucos, à medida que o conteúdo for sendo desenvolvido, apresentar o tema da próxima aula. Isso pode proporcionar algumas atitudes dos estudantes, como, por exemplo, sugerir ideias de aulas, demonstrando o interesse deles pelo tema ou por algo em específico, mesmo que a ideia já tenha sido pensada pelo docente, ficando como sugestão dos alunos.

Cada unidade temática traz um quadro contendo tema, objetivos, atividades sugeridas, questões norteadoras para o desenvolvimento do tema. O número de aulas para cada tema não foi proposto, ficando a critério de cada docente, podendo ser ajustado a cada realidade levando em consideração o interesse da turma.



Capítulo 3
Montando a lona



Nesse primeiro contato com o tema, identificar o que os alunos sabem é importante, pois ajuda no planejamento das ações seguintes. Pode ser feito através de uma roda de conversa e com uma atividade diagnóstica impressa, que servirá tanto como registro, quanto avaliação inicial. A ideia da aula está representada no Quadro 2.

Quadro 2 - Diagnóstico

Tema	Descobrir o que os alunos sabem sobre o circo
Objetivos	Diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema. Apresentar um breve relato da história do circo. Identificar o que o compõe: suas características, seus artistas e habilidades.
Atividades sugeridas	Breve conversa inicial sobre o tema. Questionário diagnóstico impresso que pode ser respondido por escrito ou desenho. Discussão final englobando as respostas da atividade anterior.
Questões norteadoras	O que eles sabem sobre o circo? O que tem no circo? Quem já foi ao circo? Onde? Para que serve o circo?

Fonte: Autora (2022)

A breve conversa sobre o tema, no início da aula, serve apenas para introduzir o assunto, caso contrário, ela pode influenciar nas respostas da atividade impressa.

Imagem 1 – Atividade diagnóstica.

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

NOME: MUÇARELA

TURMA: 4^o DATA: 08/10/16

1- O QUE VOCÊ SABE SOBRE O CIRCO?
PAISÃO AGRASIA MARAGANO

2- O QUE TEM NO CIRCO?
ELEFANTE

3- PARA QUE SERVE O CIRCO?
PARASIDITI

4- VOCÊ JÁ FOI AO CIRCO? ONDE? QUANDO? QUANTAS VEZES?
NÃO

The form is accompanied by a hand-drawn illustration of a circus scene. It features a person on a unicycle balancing on a tightrope, a person on a swing, a tent, and an elephant. The drawing is done in simple lines with some color accents.

Fonte: Acervo pessoal



Capítulo 4
O picadeiro e seus
artistas



Após evidenciar o que os alunos sabem sobre o circo, esta unidade é pautada em conhecer um pouco da história do circo, suas características e algumas possibilidades de práticas na escola, como mostra o Quadro 3.

Quadro 3 – Conhecendo o circo

Tema	A evolução do circo: Das Trupes ao circo contemporâneo e as possibilidades de práticas na escola.
Objetivos	Conhecer as características do circo tradicional. Discutir a presença dos animais nos espetáculos. Mostrar a evolução do circo ao longo dos anos. Comparar algumas características do circo tradicional com o moderno. Discutir os riscos, perigos e segurança das práticas circenses. Refletir se o circo é acessível a todos.
Atividades sugeridas	Exibição dos primeiros 35 minutos do filme “Os saltimbancos trapalhões” (LENTE DA HISTÓRIA, 2021) para que os alunos visualizem como era o circo tradicional. Roda de conversa pós filme destacando pontos importantes: história do circo tradicional, origem do nome circo, características, risco/perigos, segurança, animais, como o circo é hoje (estilo, valor do ingresso, escolas de circo) e quais práticas são possíveis de serem feitas na escola.



Questões norteadoras

Quais personagens circenses eles conseguiram observar no filme? O que cada um deles faz? Como eles viviam?

Como era o trabalho no circo? Discutir sobre o trabalho em equipe e sua importância.

Tem algum risco/perigo?

Tinha animais no espetáculo? É legal ou não? E hoje, pode?

Quais transformações ocorreram no circo tradicional comparado com o circo de hoje?

O valor dos espetáculos: todos conseguem ir?

Como acontecia o ensino das artes circenses e como acontece hoje (conhecimento familiar x escolas de circo)?

Quais práticas seriam possíveis de serem feitas na escola?

Fonte: Autora (2022)

A história do circo pode ser encontrada nas obras dos seguintes autores: Soares (1998), Bortoleto e Machado (2003), Duprat e Bortoleto (2007), Silva (2008) e Hauffe e Góis Junior (2014).

Após apresentar o conteúdo, conhecer sua história e evolução do circo, discutir com os alunos o que pode ou não ser feito na escola, passamos então, para as vivências, as possibilidades de prática na escola.



Capítulo 5
**Balança, gira,
joga, pega...
os olhos nem piscam!**



Para esta unidade, "possibilidades de práticas manipulativas", foram pensadas práticas envolvendo dois elementos manipulativos tradicionais do universo circense: o "swing poi" (feito com uma corda, uma bola e fitas coloridas penduradas) e as bolinhas. Esses elementos foram adaptados para a escola, sendo substituídos pelo balangandã e pelo tule.

As práticas manipulativas, como os malabarismos, são baseadas no controle de objetos no ar. Lançar e receber, normalmente com as mãos, objetos segundo uma mesma trajetória, em número superior ao de mãos (DUPRAT; BORTOLETO, 2007). Em que "o corpo se move ritmicamente e se esforça em manter o desenho vivo no ar" e podem ser feitas com qualquer objeto, desde que se consiga dominá-lo (DUPRAT; BORTOLETO, 2008, p. 40).

Para cada uma dessas práticas manipulativas, balangandã e tule, foi elaborado um quadro em específico, Quadro 4 e 5, respectivamente. Os recursos materiais exigidos são simples e de fácil aquisição.

Quadro 4 - Brincando com balangandã

Tema	Algumas possibilidades de práticas manipulativa: Brincando com balangandã
Objetivos	Explicar o que são as práticas manipulativas, para que servem no circo e como podem ser feitas. Confeccionar com os alunos um balangandã com materiais simples. Mostrar alternativas para fazer em casa com outros materiais. Deixar que experimentem o material produzido livremente. Direcionar para os diferentes planos e eixos do corpo, tanto com a mão direita, quanto com a esquerda.



Atividades sugeridas

Mostrar um swing poi e perguntar se eles sabem para o que serve.

Explicar como se manipula o "swing poi" e confeccionar um semelhante a ele, o "balangandã".

Experimentar livremente o material produzido.

Direcionar os comandos:

- Giro lateral mão direita/esquerda;
- Giro lateral alternando os lados (movimento em 8) mão direita/esquerda;
- Giro por cima da cabeça mão direita/esquerda;
- Giro passando por baixo dos pés mão direita/esquerda.

Organizá-los em duplas para que tentem fazer os mesmos movimentos juntos e, posteriormente com um de cada vez, com dois balangandãs.

Questões norteadoras

No circo tem muita coisa feita com as mãos? O quê?

Como podemos confeccionar um balangandã em casa? Com quais materiais?

Todos conseguiram brincar?

Teve dificuldade? Qual?

Fonte: Autora (2022)

O balangandã pode ser confeccionado usando uma folha de papel, jornal, ofício, panfleto de supermercado; algumas tiras de papel crepom colorido (rasga facilmente e a durabilidade é pequena) ou T.N.T. (ótima duração e efeito visual) ou de sacolas plásticas (sustentável e todos tem em casa); barbante, tesoura, fita adesiva e grampeador.

Passo a passo de como fazer um balangandã:

- 1º Dobre a folha ao meio. Folha deitada/paisagem, dobrar os cantos superiores para baixo, dobrar novamente de cima para baixo, em três partes, formando uma tira de +/- 4cm.
- 2º Junte as duas pontas laterais e marque o meio.
- 3º Pegue 3 a 4 tiras coloridas cortadas previamente, junte uma à outra por uma extremidade e grampeie-as no meio da folha dobrada, para não saírem durante a brincadeira.
- 4º Enrole a tira de papel começando por onde as tiras foram grampeadas e finalizei com fita crepe, para não desenrolar antes de amarrar o barbante.
- 5º Pegue um pedaço de barbante, +/- 1m, e amarre uma extremidade ao rolinho produzido anteriormente. Ajuste ao tamanho da criança, não pode ficar nem muito grande, nem muito pequeno e na outra extremidade, faça um laço deixando uma "casa" para colocar o dedo.

Fotografia 1 - Balangandã confeccionado na aula



Fonte: Autora (2022)

Para brincar, é interessante que a criança, após colocar o dedo, indicador ou médio, posicione a palma da mão para cima, deixando o barbante pendurado para baixo e feche a mão para que ele não escape do dedo.

A construção de materiais auxilia na falta de material específico, não sendo este um motivo para o não desenvolvimento do conteúdo nas aulas de EF.

Fortalecendo essa estratégia, Bortoleto et al. (2008, p. 243) afirma que essa prática proporciona trabalhar, além de habilidades motoras, criatividade, autonomia, outros aspectos ligados ao circo: "conscientização, valorização do patrimônio, economia e empenho".

O uso de pequenos desafios aguça a participação das crianças, assim como suas habilidades criativas, motoras e a superação de seus limites. Já a estratégia das duplas, estimula as relações interpessoais, o espírito de cooperação e facilita a dinâmica da aula.

Fotografias 2 e 3 - Brincando com o balangandã confeccionado



Fonte: Acervo pessoal

Quadro 5 - Brincando com tule

Tema

Algumas possibilidades de práticas manipulativa:
Brincando com tule

Objetivos

Conhecer outra manipulação de objetos, agora com lançamento, através de brincadeiras desafiadoras, com 1 e 2 tules, enfatizando o tempo de reação, trajetória do objeto e lançamento/recepção. Dar continuidade a atividade, agora com 3 tules, enfatizando o malabarismo em "cascata" ou movimento em "X".

Atividades sugeridas

1 tule (mão direita e esquerda):

- Lançar, bater palma e pegar;
- Lançar, girar e pegar;
- Lançar, bater palma nas costas e pegar;
- Lançar, sentar/levantar do chão e pegar;
- Lançar de uma mão e pegar com a outra.

2 tules:

- Lançar os dois juntos e pegar;
- Lançar os dois juntos, bater palma e pegar;
- Lançar os dois juntos, girar e pegar;
- Lançar um depois o outro, pegar um depois o outro;
- Lançar um, depois o outro, cruzando as mãos (cascata ou movimento em "X"), da direita joga para a esquerda e da esquerda para a direita;



- Em dupla, lançar um para o outro ao mesmo tempo;

- Em dupla, lançar um para o outro em tempos diferentes (lembrando que só poderá pegar o tule lançado depois que lançar o que estava segurando).

Obs.: Nos quatro últimos desafios, primeiro fazer e parar, depois tentar fazer dando continuidade ao movimento e nos desafios em dupla, fazer de frente um para o outro.

3 tules:

- Lançar 1 tule da mão que tem 2, e antes de pegar com a outra, lançar o que está segurando;

- Fazer a mesma atividade, porém em dupla.

Seguir a observação anterior.

Questões norteadoras

Perceberam a diferença entre lançar o tule aberto e embolado?

Conseguiram realizar todos os desafios com facilidade ou teve dificuldade?

É possível fazer malabarismo utilizando outros materiais? Com quais?

Fonte: Autora (2022)

Para que as crianças consigam dominar e progredir, seja com o malabarismo de objetos ou com qualquer um dos elementos/aparelhos circenses, é imprescindível que seja feito um trabalho progressivo, do simples para o complexo, agora em específico, com 1, 2 até chegar ao 3. Ao dominar um, avança para o próximo.

É interessante observar que, as vezes, a criança pode não conseguir executar a técnica precisamente, mas pode ser que consiga brincar lançando os objetos sem que eles caiam, mantendo-os no ar por um tempo indeterminado, fazendo o malabarismo dela.

Fotografia 4 – Brincando com 2 tules.



Fonte: Acervo pessoal

Fotografia 5 – Brincando com 3 tules



Fonte: Acervo pessoal

Fotografia 6 – Brincando com 3 tules em dupla.



Capítulo 6

**A pernas tremem,
o corpo bambeia.
Cai ou não cai?**



Para esta unidade, "possibilidades de práticas de equilíbrio", foram pensadas atividades envolvendo diferentes situações de equilíbrio. Equilíbrio este que pode ser: se equilibrar, equilibrar-se em algo e equilibrar algo.

Para introduzir o tema, foi feito um circuito de obstáculos envolvendo equilíbrio, com materiais simples: corda, pneus, pés de latas, pratos descartáveis afixados em um cabo de vassoura e bolinhas plásticas. Tal atividade pode ser vista no Quadro 6.

Quadro 6 – Circuito de equilíbrios

Tema	Algumas possibilidades de práticas de equilíbrio: Circuito de equilíbrios
Objetivos	Trabalhar o equilíbrio através de um circuito com estações envolvendo três perspectivas: o se equilibrar, o equilibrar-se em algo e o equilibrar alguma coisa. Fazer referência ao circo.
Atividades sugeridas	Circuito de equilíbrio: <ul style="list-style-type: none">- Andar sobre pneus;- Pegar no chão um cabo de vassoura com dois pratos fixos nas extremidades com uma bolinha em cada prato, atravessar a corda esticada no chão, colocar o cabo de vassoura no chão apoiado apenas em um pé, tipo aviãozinho;- Andar no pé de lata.



Questões norteadoras

O que essas atividades exigiram?
Elas são iguais? O que tem de diferente entre elas?
Quais atividades do dia a dia precisam de equilíbrio?
Essas atividades têm alguma ligação com o circo?
Com quais atividades circenses elas se parecem?

Fonte: Acervo pessoal

Fotografias 7, 8, 9 e 10 – Vivência no circuito de equilíbrios



Fonte: Acervo pessoal

Compreendido o que é equilíbrio, as diferenças existentes entre os obstáculos e que as situações que envolvem equilíbrio são bastante exploradas e desafiadoras no universo circense, foram elaboradas atividades mais específicas, como demonstrado no Quadro 7.

Quadro 7 - Equilibrando

Tema	Algumas possibilidades de práticas de equilíbrio: Perna de pau, rola-rola, corda bamba e prato chinês
Objetivos	Experimentar outras práticas de equilíbrio direcionadas às atividades circenses: perna de pau; rola-rola, prancha de equilíbrio, corda bamba e prato chinês.
Atividades sugeridas	<p>Mostrar, primeiramente, todos os aparelhos e dar algumas orientações sobre seu uso: como segurar, subir, primeiros passos...), principalmente dos cuidados com a segurança, e deixar que eles os experimentem.</p> <ul style="list-style-type: none">• Na perna de pau:<ul style="list-style-type: none">- Subir, tentar andar e descer (com apoio do colega ou sozinho).• Na prancha de equilíbrio:<ul style="list-style-type: none">- Subir, tentar estabilizar e descer (com apoio do colega e sozinho).• No rola-rola (apoiado na parede ou em duplas):<ul style="list-style-type: none">- Subir e descer;- Subir e tentar deixar a prancha reta (com e sem apoio);



- Subir e tentar rolar a prancha por sobre o rolo (com apoio e sem apoio);
- Subir, tentar abaixar, levantar e descer.
- Na corda bamba (slackline):
 - Com a ajuda da professora, deixar que vivenciem a travessia da fita e, posteriormente, que eles mesmos se ajudem.
- No prato chinês:
 - Deixar que vivenciem o prato chinês.

Questões norteadoras

Alguém já brincou com algum desses aparelhos?
Tem algum perigo ao praticá-los?
O que é importante fazer para evitar acidentes?
Dá para fazer um aparelho como esse em casa?
Como?
Conseguiram realizar as atividades?
É possível fazer outros movimentos com o prato chinês? Quais?

Fonte: Acervo pessoal

Como os recursos materiais para essas atividades são mais complexos e escassos, as atividades podem acontecer ao mesmo tempo, separadas por estações, três aparelhos por aula, com rodízio determinado por tempo. Essa alternativa auxilia, evitando o ócio e proporcionando mais tempo de vivência nos aparelhos.

As pernas de pau e as pranchas de madeira foram feitas e doadas à escola por pais de alunos. A utilização do rola-rola foi motivada pelas atividades propostas por Bortoleto (2008) e Duprat, Barragán e Bortoleto (2014).

A prancha de equilíbrio foi inspirada em uma atividade proposta pelo professor Geraldo Brunelli em sua rede social (GERALDO BRUNELLI, 2021), como uma variante do rola-rola, com menor complexidade em sua execução.

A corda bamba foi substituída pelo slackline e a confecção do prato chinês foi baseada nas instruções da Prof^ª Ms. Adria Maria Messias em seu produto educacional da tese de mestrado profissional (MESSIAS, 2020), utilizando feltro, corda, cola, tesoura e uma haste de gaiola de passarinho.

Fotografia 11 – Aparelhos adaptados das práticas de equilíbrio



Fotografias 12 e 13 – Perna de pau confeccionada em casa de bambu



Fonte: Acervo pessoal

Fotografia 14 – Rola-rola confeccionado em casa de mourão de eucalipto e tábua



**Fotografias 15, 16, 17, 18 e 19 –
Vivência das práticas de
equilíbrio**



Fonte: Acervo pessoal



Capítulo 7
**Cambalhotas, piruetas e
muita estripulia**



Para esta unidade, "possibilidades de práticas acrobáticas", foram pensadas duas situações: acrobacias individuais e acrobacias em grupo. As sugestões para as acrobacias individuais estão no Quadro 8 e as em grupo, no 9.

Quadro 8 - Acrobacias individuais

Tema	Algumas possibilidades de práticas acrobáticas: Rolamentos, vela e ponte
Objetivos	Diagnosticar o que eles entendem por acrobacias, quais eles conhecem e sabem fazer. Experimentar os rolamentos para frente e para trás, assim como o elemento ponte, partindo da posição deitada (solo). Associar e criar uma sequência acrobática com as acrobacias já realizadas.
Atividades sugeridas	Vivenciar as acrobacias que eles sabem. Vivenciar acrobacias selecionadas: - Rolamento para a frente; - Vela; - Rolamento para trás; - Ponte (solo). Pedir que tentem fazer duas acrobacias, uma seguida da outra, depois três. Relembrar o número circense, arco de fogo, e pedir que tentem passar por dentro do arco virando uma cambalhota.



Questões norteadoras

O que eles entendem por acrobacias?
Quais acrobacias eles conhecem? Quais sabem fazer?
Quais eles lembram de terem visto nos vídeos assistidos?
A utilização dos animais ainda é permitida nos espetáculos?
Conseguiram realizar a atividade no bambolê?

Fonte: Acervo pessoal

Outras acrobacias podem ser acrescentadas à atividade, como a estrela, os saltos e giros, aumentando as possibilidades de criação das sequências acrobáticas e da vivência corporal.

O número “arco de fogo” foi citado por um aluno, durante as aulas, ocasião em que relembramos a atual proibição da participação dos animais nos espetáculos, assunto, este, que foi debatido com eles na ocasião e trazido novamente à reflexão.

Para criar o arco de fogo, foi utilizado um bambolê de cano que foi, posteriormente, enfeitado com T.N.T. vermelho, laranja e amarelo, simulando o fogo, seguindo a sugestão dos alunos.

Fotografias 20 e 21 – Vivência das acrobacias individuais



Fonte: Acervo pessoal

Para esta unidade, "possibilidades de práticas acrobáticas", foram pensadas duas situações: acrobacias individuais e acrobacias em grupo. As sugestões para as acrobacias individuais estão no Quadro 8 e as em grupo, no 9.

Quadro 9 - Acrobacias em grupo

Tema	Algumas possibilidades de práticas acrobáticas: Acrobacias em grupo
Objetivos	Vivenciar algumas acrobacias em grupo. Ler e recriar algumas figuras de equilíbrio em duplas, trio, ...
Atividades sugeridas	Diagnosticar se sabem o que é uma acrobacia em grupo. Mostrar uma figura acrobática e deixar que a observem. Falar do trabalho em equipe, da confiança, da concentração, da segurança, dos riscos e perigos que a atividade envolve. Explicar as características da "base" e as do "volante". Dar algumas orientações importantes antes da realização da atividade: posicionamento dos corpos, em quais partes do corpo são feitos os apoios, os cuidados quando desfazer a figura.





Distribuir algumas figuras com baixo grau de dificuldade para as duplas. Assim que as duplas forem conseguindo realizar, poderão trocar as figuras entre as duplas.

Distribuir algumas figuras com maior grau de dificuldade e deixar que as realizem. As figuras poderão ser trocadas entre as duplas.

Apresentar figuras com 3 a 6 pessoas e deixar que as vivenciem.

Questões norteadoras

Eles sabem o que são acrobacias em grupo?

É possível realizar alguma acrobacia em grupo na escola? Tem risco?

Quais cuidados são importantes e precisam ser seguidos durante a prática?

Quais as características das "bases" e dos "volantes"?

Fonte: Acervo pessoal

A progressão, do simples para o complexo, é importante de ser adotada para facilitar o ensino-aprendizado, a consciência corporal, a confiança.

As informações: função dos participantes, tipos de pegadas, segurança, principais figuras acrobáticas, são descritas por Tanan e Bortoleto (2008) e serviram de base para a elaboração das aulas sobre acrobacias em grupo. Os autores ressaltam, ainda, que as acrobacias em grupo, para iniciantes, devem começar com figuras básicas, com poucas pessoas, baixa altura, sobre superfícies amplas como costas e ombros, com maior quantidade de apoio.



As figuras acrobáticas podem ser acessadas no vídeo “Acrobacia de Solo: dica incrível para fazer na escola”, da Professora Jana Munhoz, juntamente com algumas informações sobre o tema (CANAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2019). Para facilitar o uso, a conservação e aumentar a durabilidade do material, imprimi as figuras em tamanho ampliado, em folha A4, agrupei duas folhas e coloquei em uma sacola de plástico transparente.

Fotografias 22, 23 e 24 – Vivência das acrobacias em grupo



Fonte: Acervo pessoal



Capítulo 8
**Alegria contagiante que o
palhaço irradia**



Para as “possibilidades de práticas expressivas” foram pensadas atividades introdutórias ao tema, explorando a expressão corporal, conforme podem ser observadas no Quadro 10. Facilidade para uns, dificuldade para outros. Em seguida, a expressão corporal foi transferida para dentro do circo, na figura do palhaço, como mostram os Quadros 11.

Quadro 10 – Atividades expressivas

Tema	Algumas possibilidades de práticas expressivas: A arte de se expressar e imitar
Objetivos	Compreender o que são as práticas expressivas. Experimentar duas delas: mímica e sombra. Relacionar as práticas expressivas com o circo e para que elas servem.
Atividades sugeridas	<p>Com o uso de mímica, fazer com que os alunos descubram objetos e ações, servindo já de exemplo para a próxima prática.</p> <p>Brincando de mímica: divididos em grupos, cada aluno na sua vez, tira uma palavra ou ação da sacola surpresa e os outros integrantes do grupo tentam adivinhar o que é.</p> <p>Exibir um pequeno vídeo do ator Charles Chaplin (HISTÓRIA ILUSTRADA, 2015), em um de seus filmes do cinema mudo, para que visualizem uma forma de se expressar.</p> <p>Apresentar o palhaço Piolin: quem foi, como se caracterizava.</p> <p>Brincando de sombra humana: em dupla, imitando o que o outro faz.</p>



Questões norteadoras

Como podemos nos comunicar com outras pessoas?
Quais elementos comunicativos foram utilizados
nessa atividade?
Eles conseguiram se comunicar por mímica?
O que a personagem usou para se expressar?
Quem no circo mais utiliza a encenação/mímica
para se expressar?
Como são os palhaços? Existe apenas um "tipo" de
palhaço?

Fonte: Acervo pessoal

Fotografias 25, 26 e 27 – Brincando de mímica e sombra humana



Fonte: Acervo pessoal

Um dos temas mais esperados pelos alunos talvez seja esse: o do palhaço! Magnani (1998) afirma que o palhaço é uma figura essencial, que dá vida ao circo, ocupando, assim, um lugar de destaque, privilegiado.

Na proposta trazida no Quadro 11, busquei trabalhar a imaginação, a criatividade, o artístico explicitamente com a criação dos palhaços.

Quadro 11 – O palhaço

Tema	Algumas possibilidades de práticas expressivas: Criando um palhaço
Objetivos	Resgatar as características do palhaço. Confeccionar um nariz e uma gravata. Criar o rosto de um palhaço. Reproduzir no rosto do colega, com pintura facial.
Atividades sugeridas	Confeccionar nariz de palhaço com crivo de ovo, tinta vermelha e elástico. Confeccionar uma gravata borboleta com EVA colorido, fita de cetim, retalhos de EVA para decorar, cola e grampeador. A partir do esquema do rosto impresso, desenhar e pintar a caracterização do palhaço. Pintura facial: em duplas, cada um irá reproduzir no rosto do colega, o desenho que o colega fez.
Questões norteadoras	Acharam interessante a confecção dos adereços? O que não pode faltar na caracterização dos palhaços? Conseguiram realizar as atividades? Como foi a participação deles?

Fonte: Acervo pessoal

Os recursos materiais necessários para as atividades sugeridas são simples: o nariz foi feito com crivo de ovo, pintado com tinta guache e amarrado com elástico. Para a gravata, foram utilizados EVA colorido, molde em papelão, fita de cetim que pode ser substituída por T.N.T., grampeador, cola e perfurador de EVA decorativo. Já para a pintura facial, tintas coloridas específica para este fim.

Os conhecimentos sobre os palhaços: características, tipos, o palhaço Piolin, são apresentadas pelos autores Monteiro Junior, Parma e Bortoleto (2008) e ajudaram a embasar esse tema.

As atividades de caracterização do palhaço e pintura facial foram baseadas no vídeo “Como trabalhar com o Palhaço na Escola: Projeto de Circo”, da Professora Jana Munhoz (CANAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2020).

Fotografias 28 e 29 – Adereços do palhaço confeccionados por eles



Fonte: Acervo pessoal



Fotografia 30 – Caracterizando o palhaço e pintura facial



Capítulo 9
Com vocês, o circo da escola!



Os instrumentos avaliativos aqui utilizados foram duas atividades impressas e uma apresentação final, como mostra o Quadro 12.

Quadro 11 – Avaliações

Tema	Recordando o que foi ensinado
Objetivos	Avaliar, por meio de desenho, o que aprenderam do conteúdo trabalhado sobre o circo. Possibilitar a vivência das práticas que mais gostaram ao longo das aulas em forma de espetáculo como se fossem verdadeiros artistas circenses. Avaliar o que os alunos acharam do conteúdo explanado e de como foi trabalhado.
Atividades sugeridas	Atividade avaliativa impressa para verificar o conhecimento apreendido. Montar um espetáculo circense com algumas das atividades desenvolvidas ao longo do conteúdo estudado: <ul style="list-style-type: none">- Criar o nome do circo;- Dar nome a cada palhaço;- Selecionar quem fará o que na apresentação por livre escolha dos alunos:<ul style="list-style-type: none">- Malabaristas: balangandã e tule;- Equilibristas: perna de pau, rola-rola, prato chinês;- Acrobatas: acrobacias individuais e em grupo;- Palhaçaria: palhaços.- Ensaio geral

Fonte: Acervo pessoal



	Apresentação do espetáculo. Avaliação final.
Questões norteadoras	Conseguiram sistematizar os conhecimentos? Expressaram com clareza os conhecimentos adquiridos? Foram criativos ao escolher o nome do circo e dos palhaços? Eles se colocaram diante das dificuldades antes de escolher qual atividade apresentariam? Todos os alunos participaram da apresentação? Gostaram da experiência de ser um artista circense? Quais sensações sentiram durante a apresentação? Qual foi a reação do público (alunos e funcionários do turno matutino)? O que eles acharam do que foi estudado? Será que é possível brincar de circo fora da escola, em casa e em outros ambientes? É preciso material caro ou pode ser feito com o que temos em casa?

Fonte: Acervo pessoal

A avaliação impressa é um registro concreto, expressando o conteúdo desenvolvido ao longo das aulas. O espetáculo traz vivências práticas. A avaliação final pode ser feita em uma roda de conversa identificando o que eles acharam de tudo que foi feito, as sensações, o que mais gostaram.

Para a escolha do nome do circo, primeiramente foi pedido aos alunos que eles sugerissem alguns possíveis nomes e, em seguida, realizada uma votação. A sugestão mais votada foi "Circo dos Atrapalhados".





Observando o espetáculo com outro olhar, o científico, para os autores Bortoleto e Machado (2003) ele pode ser utilizado como instrumento avaliativo das atividades artísticas, pois tem na expressão a sua referência, assim como o esporte tem os resultados. É no espetáculo que o aluno poderá mostrar o que ele aprendeu, desenvolveu, se encantou.

Por sua vez, Barragán (2016) descreve que a utilização do espetáculo, além de concluir o conteúdo desenvolvido e ofertar uma experiência cênica, considera a importância da dimensão ou potencial artístico, expressivo do aluno, dando espaço à criatividade e à exploração do movimento, não tornando o aprendizado uma experiência meramente técnica.

O espetáculo foi filmado e sua síntese está disponível no link:

<https://youtu.be/Skdp4EKuYbo>.



Capítulo 10
Lembranças de um
espetáculo...





É sabível que muitos docentes se encontram em situações precárias, seja de material, de infraestrutura, até mesmo de desinvestimento pedagógico. Ainda assim, a partir da constatação da realidade é possível superá-la e apostar no investimento humano e material. A confecção de material com aparatos alternativos produziu um efeito positivo na dinâmica da aula: o empoderamento dos alunos, a valorização do que foi produzido por eles, o cuidado com a natureza, a atenção ao consumismo. As crianças levam para além da escola o que está sendo ensinado. Praticam em casa, pensam, pesquisam, encontram novas manifestações do circo que não foram discutidas na escola. Refletem a questão dos animais no circo, gerando uma consciência ambiental, de respeito aos animais, ao próximo, as diferenças e as dificuldades.

Concordando com Barragán (2016), o trabalho com as atividades circenses em suas diferentes classificações, manipulativas, de equilíbrio, acrobáticas, expressivas, proporcionam uma diversidade de gosto quanto às atividades circenses. Um aluno pode se interessar mais por uma que por outra, mas todos vão se encantar, incluindo todos no processo.

Tanto nas atividades feitas no pátio, que envolvem movimento, quanto nas feitas em sala, é possível observar o companheirismo, a solidariedade, o cooperativismo, a preocupação, a responsabilidade que muitos alunos têm uns com os outros. Silva (2008, p. 209), ao falar sobre o uso da linguagem circense como ferramenta no processo pedagógico diz que os valores, associados ao universo circense como os citados anteriormente, dependem da intencionalidade de quem faz uso dessa linguagem, “Quem irá imprimir um caráter ético cidadão a qualquer que seja a técnica ou ferramenta pedagógica será o sujeito que a está praticando”. Os alunos podem ser o reflexo das nossas atitudes diante deles.



A alegria pode ser percebida em todo o processo e talvez seja a mesma alegria desejada por Snyders (1993, p. 32), a “alegria escolar”, alegria em estudar, alegria de estar em contato com a cultura, a “alegria cultura”. O autor acrescenta ainda, que se o aluno se sente alegre hoje, no presente, ele pode pressentir que amanhã poderá ser muito mais, se torna um aluno mais interessado no que está fazendo. E ainda, que o professor mostra, dá condições do que e como fazer, e o aluno cria, a partir disso, do obrigatório, o seu modo de fazer, com autonomia e a alegria no fazer é sentida.

Todo o conjunto de sentimentos (alegria, satisfação, ansiedade), o gosto, o compromisso, o envolvimento, demonstrado pelos alunos ao longo das aulas e no espetáculo, pode ser resultado das relações existentes na escola envolvendo aluno/conhecimento/docente. Essas relações ficam evidentes nas aulas em variados momentos: de cooperação, de cumplicidade, de companheirismo, de respeito, de confiança, de superação, de alegria. Para o aluno, “[...] o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades” (SNYDERS, 1993, p. 92).

Barbosa (2020) lembra que é papel da EFE

[...] levar aos estudantes o entendimento sobre os conteúdos da cultura corporal, relevantes no processo de desenvolvimento cultural e intelectual daqueles indivíduos oriundos da classe trabalhadora que, muitas vezes, são prejudicados pela negação do acesso ao conhecimento historicamente construído (BARBOSA, 2020, p. 113).

Complementam esse pensamento, Corsi, De Marco e Ontañón (2018, p. 874) que reforçam dizendo que “As atividades circenses, por configurarem uma manifestação artística e cultural [...] ao mesmo tempo que permitem desenvolver noções de valores sociais nas crianças”.



Soares (1996, p. 6) afirma ser o “Papel da escola, da metodologia, do ensino, do planejamento: organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo..., produzindo desafios com este desconhecido, arrancar alegria a cada conquista” e referindo-se a uma das finalidades da escola mencionadas por Snyders (1993) ela completa que “A escola é um momento na vida de quem está em seu interior e não apenas uma preparação para um futuro” e mesmo não sendo a alegria e o prazer um propósito da escola, eles fazem parte do caminhar escolar junto e rumo ao conhecimento.

O presente trabalho foi pensado e desenvolvido a partir de uma grande unidade temática. Entretanto, fica a critério do docente manter essa estrutura, sendo uma ideia desenvolver, em cada turma, uma unidade específica, uma possibilidade de prática, com menos aulas e maior tempo de vivência e, ao final, unir todas numa grande apresentação, num grande espetáculo.

Quanto às possibilidades de intervenção do conteúdo trazidas, das sugestões de aulas culminando no espetáculo, dos recursos materiais e das estratégias utilizadas, é possível dizer que existem outras tantas maneiras de desenvolver o conteúdo circo na escola. Porém, neste momento – assim como Silva (2008) afirma que a contemporaneidade do espetáculo está sempre em conformidade com seu tempo – essa foi a realidade deste trabalho. Uma realidade que certamente deixou marcas intangíveis no coração e na memória dos artistas do Circo dos Atrapalhados!



Referências

BARRAGÁN, T. O. O circo e sua contribuição para a educação física escolar. In: BORTOLETO, M. A. C.; BARRAGÁN, T. O.; SILVA, E. (Org). Circo: horizontes educativos. Campinas/SP: Autores Associados, p. 133-151, 2016.

BARBOSA, F. T. Pedagogia histórico-crítica e educação física escolar: um trabalho educativo com o conteúdo circo. Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 112-127, jan/jun 2020.

BARONI, J. F. Arte circense: a magia do encantamento. Dentro e fora das lonas. Pensar a prática, Goiânia, n. 1, v. 9, p. 65-80, 2006.

BORTOLETO, L. et al. Construção de materiais. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p. 241-257, 2008.

BORTOLETO, M. A. C. Rola-Rola. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p.67-76, 2008.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a educação física. Revista Corpoconsciência, Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 14-29, 2000/2001.

CANAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Como trabalhar com o Palhaço na Escola: Projeto de Circo. YouTube, 8 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NTMYQteYPXA>>. Acesso em 18 mai. de 2022.

_____. Acrobacia de Solo e portagem: dica incrível para fazer na escola. YouTube, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gY-my3_e7I8>. Acesso em 15 mar. 2022.

CORSI, L. M.; DE MARCO, A.; ONTAÑÓN, T. Educação física na educação infantil: proposta interdisciplinar de atividades circenses. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 4, p. 865-876, out/dez 2018.



DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Malabares: bola. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p.37-50, 2008.

_____. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, n. 2, v. 29, p. 171-189, 2007.

DUPRAT, R. M.; BARRAGÁN, T. O.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C. e OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). Ginástica, dança e atividades circenses - Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento - v. 3, 1. ed. Maringá: Eduem, p. 121-157, 2014.

GALLARDO, J.P.; GUTIÉRREZ, L. L. As relações do circo com a escola. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses - Vol. 2. Jundiaí: Fontoura, p. 221-239, 2010.

GERALDO BRUNELLI. Exercício proprioceptivo. "Prancha do equilíbrio". Educação infantil 5 anos. Castelo. 10 set. 2021. Instagram: @geraldobrunelli. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CTp8pUWJnOAxVSJ4H7isMbgVcy7vHteEHDJshY0/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 05 fev. 2022.

GONÇALVES L. L.; LAVOURA, T. N. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica. Revista brasileira Ciências e Movimento; 19(4): p. 77-88, 2011.

HAUFFE, M. K.; GÓIS JUNIOR, E. A educação física e o funambulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e início do século XX). Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 36, n. 2, p. 547-559, 2014.

HISTÓRIA ILUSTRADA. Descubra a genialidade de Charles Chaplin em três minutos de cinema mudo. YouTube, 13 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=...>>
CORSI, L. M.; DE MARCO, A.; ONTAÑÓN, T. Educação física na educação infantil: proposta interdisciplinar de atividades circenses. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 4, p. 865-876, out/dez 2018.



LENTEs DA HISTÓRIA. Os Saltimbancos Trapalhões - 1981 (Filme Completo). YouTube, 28 mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v_eERAd-ZyE>. Acesso em 23 out. 2021

MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2 ed, 1998.

MESSIAS, A. Manipulação - Equilíbrio de objetos: prato chinês. YouTube, 10 mai. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/b7l9o6VHAss>>. Acesso em 01 mar. 2022.

MONTEIRO JUNIOR, L. R.; PARMA, M.; BORTOLETO, M. A. C. Palhaço. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p.51-66, 2008.

PRODÓCIMO, E.; PINHEIRO, P. H. G.; BORTOLETO, M. A. C. Jogos circenses como recurso pedagógico. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses – Vol. 2. Jundiaí: Fontoura, p.161-178, 2010.

SILVA, E. Saberes circenses: ensino/aprendizagem em movimentos e transformações. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p. 189-210, 2008.

SNYDERS, G. Alunos Felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2 ed, 1993.

SOARES, C. L. Imagens da Educação no corpo. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C. L. et al. Metodologia de Ensino de Educação Física. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TANAN, D.; BORTOLETO, M. A. C. Acrobacias Coletivas. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura, p.105-120, 2008.

Sobre a autora...

Danielly Gomes Caliman é Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (UFV - 2005).

Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Cachoeiro de Itapemirim - ES, desde 2008, nas etapas Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, da Educação Básica.

Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ - 2009) e Educação Inclusiva Especial pela Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM - 2009).

Mestra em Educação Física pelo Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFES/CEFD - 2023).

